

Auto da Barca do Purgatorio.

FIGURAS.

ANJO — Arrais do Ceo.
DIABO — Arrais do Inferno.
COMPANHEIRO do Diabo.
LAVRADOR.
MARTA GIL — Regateira.
PASTOR.
MOÇA Pastora.
MENINO.
TAFUL.
TRES ANJOS.

Esta segunda scena he attribuida á Embarcação do Purgatorio. Tracta-se per lavradores. Foi representada á muito devota e catholica Rainha D. Leonor no hospital de todos Sanctos da cidade de Lisboa, nas matinas do Natal, era do Senhor de 1518.

AUTO DA BARCA DO PURGATORIO.

Primeiramente entrão tres Anjos, cantando o romance seguinte, com seus remos.

R o m a n c e .

« Remando vão remadores
« Barca de grande alegria ;
« O patrão que a guiava,
« Filho de Deos se dizia.
« Anjos erão os remeiros,
« Que remavão á porfia ;
« Estandarte d'esperança,
« Oh quão bem que parecia !
« O masto da fortaleza
« Como cristal reluzia ;
« A vela com fé cozida
« Todo o mundo esclarecia ;
« A ribeira mui serena,
« Que nenhum vento bolia. »

Entra o Arrais do Inferno, e diz :

DIABO.

Ah sancto corpo de mi,
Corpo de mi consagrado !
Como está isto assi
Sem ninguem estar aqui
Neste meu porto dourado,
Agora que está breado
De novo o caravellão,
Espalmado, e aparelhado,
E mais largo bô quinhão,
Que o passado ?
Quanto mais se chega a fim
Do mundo, a todo o andar,
Tanto a gente he mais ruim :
E juro ó corpo de mim
Que ja canso de remar.

Cumpre-me d'apparelhar
Hum valente barinel,
Ou hũa nao singular,
Em que possa mais levar
Que n'hum batel.

E não remar senão tal via,
E depois haver carraca ;
Que cobiça e simonia,
Inveja e tyrannia,
Nenhũa dellas afraca.
Ala, ala ! saca, saca !
A' terra, á terra, mortaes !
Cerrar o leme a esta banda,
E não curar d'outro cais ;
Porque a lei dos mundanaes
Isto manda.

ANJO.

Quem quer ir ó Paraizo ?
A' glória, á glória, senhores !
Oh que noite pera isso !
Quão prestes, quão improviso
Sois celestes moradores !
Avia-e-vos, e partir ;
Que vossa vida he sonhar,
E a morte he despertar
Pera nunca mais dormir,
Nem acordar.

Este rio he mui escuro,
Não tendes vao nem maneira :
Entrae em barco seguro,
Havei conselho maduro,
Não entreis em ma bateira ;
Que na viagem primeira,
Quantos vistes embarcados
Todos forão alagados :
No mais fundo da ribeira
São penados.

Pois não se póde escusar
A passada deste rio,
Nem a morte s'estorvar,
Qu'he outro braço de mar
Sem remedio nem desvio.
E o batel dos damnados,
Porque nasceo hoje Christo,
Está, c'os remos quebrados,
Em sêcco. O' descuidados,
Cuidae nisto.

Agora que a madre pia,
 Frol de toda a perfeição,
 Está com tanta alegria ;
 Pedi a sua Senhoria
 Gloriosa embarcação,
 Que sua he a barcaçem.
 Pedi-lhe como avogada,
 Per lacrimosa linguagem,
 Que nos procure viagem
 Descansada.

Falla-lhe com alegria,
 Canta-lhe como souberes,
 Visita a Virgem Maria,
 Nossa via, nossa guia,
 Frol de todas as mulheres.
 Quando aqui lhe appareceres,
 Roga-lhe que t'appareça
 Com piedosos poderes,
 Porque a alma que tiveres
 Não pereça.

DIABO.

Quero ora metter á vela,
 E deitar a prancha fóra,
 E arrumar a caravella,
 E deitar do junco nella,
 Se vier qualquer senhora.
 E que he isto na ma ora ?
 E o batel está em sêcco !
 Oh renego de Çamora !
 O rio s'encaramelou !
 Nunca tal m'aconteceo.
 Hou bota, hou bota, hou !
 Oh renego de San grou,
 E de San pata do ceo !
 Arrenego eu do dinheiro
 Que ganho nesta viagem,
 Arrenego da barcaçem,
 E do cornudo barqueiro.

*Vem hum Companheiro do Arrais do Inferno,
 e diz :*

COMPANHEIRO.

Parceiro, gurgurgarao.

DIA. Porque ?

COM. Porque he assi.

DIA. Ora bota, hou bota, hao.

COM. Eu so botára hũa nao

Com este dedo sem ti :
Mas sabe que este serão
He para nós grande praga,
E trabalhamos em vão,
Porque a promessa d'Abrahão
Hoje he a paga.

Vem hum Lavrador com seu arado ás costas, e diz :

LAVRADOR.

Que he isto ? ca chega o mar ?
Ora he forte cagão.

DIA. Alto, sus, quereis passar ?
Ponde hi o chapeirão,
E ajudareis a botar.

LAV. Da morte venho eu cansado,
E cheio de refregereo,
E não posso, mal peccado.

DIA. Põe eramá hi o arado.

LAV. Perem esse he gran mestereo.

S'eu trouguera mais vagar
Sorrira-me eu tamalavez.

DIA. E vós villão, quereis zombar ?
Se vos eu arrebatat ?

LAV. Dou-t'eu muito de mao mez.
Com'eu a morte passei,
Logo o medo ficou finto.
Enha cedula amanhei,
E meus negocios deixei
Como homem de bô retinto.

Nem fico a dever duas favas,
Nem hum preto por pagar.

DIA. E os marcos que mudavas,
Dize, porque os não tornavas
Outra vez a seu logar ?

LAV. E quem tirava do meu
Os meus marcos quantos são,
E os chantava no seu,
Dize, pulga de Judeu,
Que lhe dizias tu er então ?

DIABO.

Foste o mais ruim villão !...

LAV. Bofá, salvanor salvado,
Vós mentis coma cabrão.
Quer me queirais mal, quer não,

- Não dou por isso hum cornado.
 DIA. Pois porque vens carregado ?
 LAV. Porque seja conhecido
 Por lavrador muito honrado.
 E tenho a glória merecido ;
 Que sempre fui perseguido,
 E vivi mui trabalhado.
 Ha hi, pezar não de São,
 Afficio mais fortunado ?
 DIA. Pois para que he o villão ?
 LAV. Todos nós vimos d'Adão.
 DIA. Pousa, pousa ahi o arado.
 LAV. Juro a San Junco sagrado
 Que te chante hum par de quédas.
 DIA. Aqui has d'ir embarcado.
 LAV. Vae beijar o meu bragado
 Antre as sedas.

DIABO.

- Que villão tão descortez !
 LAV. E vós sois mui deneguil !
 Dou eu ja ora ó Decho o freguez.
 DIA. Dom villão, comigo irês
 Onde estão de vós dez mil.
 LAV. E vós Dom rosto de funil,
 Cuidareis que sois alguém ?
 ANJ. Vinde ca, homem de bem ;
 Pera onde quereis ir ?
 LAV. Queria passar alem,
 Pera a glória do Senhor.
 Samicas de lá serês ?
 ANJ. E vens tu merecedor ?
 LAV. E que fez lá o lavrador,
 Pera andar ca ó través ?
 ANJ. Póde ser mui austinado,
 E não querer-se arrepender.
 LAV. Bofá, Senhor, mal peccado,
 Sempre he morto quem do arado
 Ha de viver.

Nós somos vida das gentes,
 E morte de nossas vidas ;
 A tyrannos — pacientes,
 Que a unhas e a dentes
 Nos tem as almas roídas.
 Pera que he parouvelar ?
 Que queira ser peccador
 O lavrador ;
 Não tem tempo nem logar

Nem somente d'alimpar
As gotas do seu suor.

Na igreja bradão com elle,
Porqu'assoviou a hum cão ;
E logo excommunhão na pelle.
O fidalgo maçar nelle,
Atá o mais triste rascão.
Se não levão torta a mão,
Não lhe achão nenhum direito.
Muito atribulados são !
Cada hum pella o villão
Por seu geito.

Trago a proposito isto,
Porque veio a bem de falla.
Manifesto está e visto
Que o bento Jesu Christo
Deve ser homem de gala.
E he rezão que nos valha
Neste serão glorioso,
Qu'he gran refúgio sem falha.
Isto me faz forçoso,
E não estou temeroso
Nem migalha.

ANJO.

Que bens fizeste na vida,
Que te sejam ca guiantes ?

LAV. Ia ao bodo da ermida
Cada sancta Margarida,
E dava esmola aos andantes ;
Benzia-me pela manhan,
Levava o credo até o cabo.

DIA. Depois tomavas a lan
Da melhor e a mais san,
E davas ao dizimo a do rabo,
Temporan.

E o mais fraco cabrito,
E o frangão offegoso,
Com repetenado esp'rito.

LAV. Oh fideputa maldito,
Triste avezimão tinhoso,
Lano peccador errado !
Não — vai — não me dezimei ?
Dize sabujo pellado.

DIA. Tornaste tu o mal levado ?

LAV. Si, tornei.

E de tudo fiz aquesta,
Como homem diz, avantairo :

Leixei ó cura a enha bêsta.
 Abonda que nem aresta
 Tera comigo o cossairo.
 Hum annal e hum trintaíro,
 Com raponsos, ladainhas :
 A Gil fiz todo repaíro
 Com missas d'anniversaíro
 Trinta dias.

Perol que dizeis vós lá ?
 Sejo eu como deve ser,
 Ou que modo se tera ?

ANJ. He mui caro d'haver ca
 Aquelle eternal prazer.

LAV. Ja o eu lá ouvi dizer.
 Perol o evangelho diz,
 Quem for bautizado e crer
Salvus es : ora dizer,
 Sêde juiz.

Pois *quia infernus es*,
Nulla redencia ha hi ;
 Vêde vós o que dizês,
 Qu'a mim ja me pruem os pés,
 Pera me passar d'aqui.

ANJ. Digo que andes assi
 Purgando nessa ribeira,
 Até que o Senhor Deos queira
 Que te levem pera si
 Nesta bateira.

LAVRADOR.

Bofá, logo quizera eu,
 Que m'atormenta este arado ;
 E dera muito do meu,
 Pois que ja hei de ser seu,
 Tirar-me deste cuidado.
 O' mundo, mundo enganado,
 Vida de tão poucos dias,
 Tão breve tempo passado,
 Tu me trouveste enganado,
 E me mentias !

DIABO.

Inda esta barca não nada ?
 Que festa esta pera mi !
 Nunca tal balcarriada.
 Nem maré tão desastrada
 Nesta ribeira não vi.

Vem hũa regateira, per nome Marta Gil, e diç :

MARTA GIL.

Hui ! que ribeiros são estes ?

DIA. Venhais embora, Marta Gil.

MAR. E donde me conhecestes ?

DIA. Folgo eu bem porque viestes
Oufana e dando ó quadril.

MAR. Vêdes outro perrexil !
E marinheiro sois vós ?
Ora assim me salve Deos
E me livre do Brazil,
Que estais sutil.

Emque eu seja lavradora,
Bem vos hei de responder.

DIA. Não vos agasteis vós ora,
Que, ou lavradora ou pastora,
Aqui vos hei de metter.

AR. Hui mana ! e quem no deu ?
Ide beber,
Que bem vos conheço eu.

DIA. Eu tambem vos sei nascer,
E vi fateixas fazer ;
Que o que trazeis he meu,
E ha de ser.

MARTA GIL.

E que cousas são fateixas ?

Fateixado te veja eu.

DIA. Os feitos que feitos leixas,
E o povo cheio de queixas.

MAR. Cal'-te, almareo de Judeu.

DIA. Não sabes tu que viveste
Lavradora e regateira ?

MAR. Ora comêde-la, que vos preste.
Hui ! e que gaio he ora este
De ribeira ?

Sabedes vós, João Corujo,
Todos fazem seu proveito. —
Olhade o frei Caramujo,
Bargante que não tem cujo !
Cant'a agora he o feito feito.
Não sabes tu que o respeito
Do mundo he em ganhar ?
E sôbre isso he seu proveito,
Ou a torto ou a direito
Apanhar.

Fui em tempo de cobiça ;
Cada tempo sua usança :
S'eu morrêra de preguiça,
Tiveras muita justiça,
E eu pequena esperança.
Vendia minha lavrança,
Hum ovo por dous réaes,
Hum cabrito, se s'alcança,
Té quatro vintens, nó mais :
Tendes vós isto em lembrança ?
Hum frangão por hum vintem,
E hũa gallinha sessenta ;
E acerta-se tambem
Que ás vezes vem alguem,
Que as leva por setenta,
DIA. E pera que era agua no leite,
Que deitavas ieramá ?
MAR. Mais azeite :
Ind'hoje o elle dirá !
Vistes ora o diabreite !
O' diabo, visses tu,
Bofé asinha o eu direi.
Como he palreiro, Jesu !
Fôra este cucurucu
Bom secretario d'elRei.
Amanhade-lhe o atafal ;
Nadar patas, patarrinhas ;
Corregêde-lhe o enxoval ;
Onças de raiva mortal,
Nas badarrinhas.

DIABO.

Valha-te a ti, Marta amiga,
Qu'estamos enfeitiçados.
MAR. Embarcade lá esta figa.
DIA. Passará esta fadiga,
Seremos desembargados.
MAR. Anjos bem-aventurados,
Metterei o canistrel,
Que trago os tests britados ?
Carregão estes peccados,
Que fazem lançar o fel
A bocados.

ANJO.

E pera qu'erão elles ca ?
MAR. Pera o Demo ; e que sei eu ?
ANJ. Ora pois, embarca lá.

MAR. Melhor creio eu que sera.
Jesu ! Jesu ! benzo-me eu.
O' bento Bartholameu,
E vós Virgem do rosairo,
Polo filho que Deus vos deu
Esta noute vosso e seu,
Haja repairo.
 Bem sabeis vós, Senhora,
Que venho eu manifestada,
E fui vossa lavradora ;
Emque peçasse algum'ora,
Venha a piedosa alçada.
Esta he a noute que paristes :
Benta a hora em que nascestes ;
Esqueção meus males tristes,
Polo menino que vestistes,
E envolvestes.

 Anjos, ajudade-me ora,
Que vos veja eu bem casados :
Não me deixedes de fóra
Por aquella sancta hora
Em que todos fostes creados.

ANJ. Não he tempo ca d'orar,
Cant'á para merecer.

, MAR. Manos, eu quero provar
Qu'em todo tempo ha logar
O que Deos quer.

 Este serão glorioso
Não he de justiça, não ;
Mas todo mui piedoso,
Em que nasceo o esposo
Da humanal geração :
E a barca de Satão
Não passa hoje ninguem ;
E per fôrça hei d'ir alem,
Sô pena d'excommunhão,
Que posta tem.

ANJO.

 Grande cousa he oração :
Purga ao longo da ribeira,
Segura de damnação,
Teras angústia e paixão,
E tormento em gran maneira.
Isto até que o Senhor queira
Que te passemos o rio ;
Sera tua dor lastimeira,

Como ardendo em gran brazio
De fogueira.

MARTA GIL.

Oh esperança, esperança,
A mais certa pena minha
Com toda esta segurança !
Tu es a mesma tardança
Em figura de mézinha.
Oh quem tal arrepender,
Tal maneira de penar,
Lá soubesse no viver !
Oh quem tornasse a nascer,
Por não peccar !

*Vem hum Pastor, e diz, olhando pera a barca do
imigo :*

PASTOR.

Isto he cancêllo, ou picota,
Ou senefica alгорrem ?
Não lhe marra ella aqui gota
De ser isto terremota
Pera enforçar alguem.

DIA. Queres embarcar, pastor ?

PAS. Praz.

DIA. Entra neste batel.

PAS. Irra ! pulha he isso, salvarnor.

S'eu não fôra pulhador,
J'ella passava o burel.

Digo, senhor pesadello,
(Vós sabereis isto bem)
Estando em val de Cobello,
Deu-me dor de cotovello,
Emperol morri perem.
E fui-me per esse chão
A Deos douche alma dizer,
Com meu cacheiro na mão,
Sem soes motrete de pão,
Nem fome pera o comer,
Se vem á mão.

E vinha ora bem descuidado
De topar mar nem marinha.
Avonda, espantalho honrado,
Ao morrer deixei o gado,
E o amo e quanto tinha.
Senão anda que te vas,
Enha mãe nega gritar,
E chorar que chorarás.

Agora quero passar ;
Perem não me levarás.

DIABO.

Porque ?

PAS. Sois busaranha,
E mais féde-vo-lo bafo,
E jogatais de gadanha,
E tendes modão d'aranha,
E samicas sereis gafo.

DIA. Gafo eu ?

PAS. A bem ;
Não hei d'ir per acajuso,
Emque me custe alгорrem,
Chinfrão, ou meio vintem,
Ir dereito como o fuso
Pera alem.

DIABO.

Dize, rústico perdido,
Fizeste tu por saber
O *Pater noster* comprido ?

PAS. E pera que era elle sabido ?

DIA. Porque o havias de dizer.

PAS. A quem ?

DIA. A quem te creou.

PAS. Al tem elle que comer.

DIA. Não fizeste o que mandou.

PAS. Callae-vos, Senhor Jão Grou ;
Ja sei quem m'ha de levar,
Sei quem sou.

Esta noite he dos pastores,
E tu, Decho, estás em sêcco ;
E salvão-se os peccadores
Criados de lavradores,
E tu estás coma peço.

DIA. Digo-te, pastor amigo,
Que foste gran peccador.

PAS. Senhor tartarugo, digo
Que mentis como bestigo,
Salvanor.

Falla em tua merencória,
E não falles em passar,
E conta lá outra história ;
Porque em festa de tal glória,
Não has ninguem de levar.
Ronca, quês tu pôr começo
Alгорrem pera beber,

Que vens de casta de pêgo,
E neto d'algum morcego?
Pardicas não pôde al ser.

DIABO.

Não estou em meu poder,
Pera me vingar de ti.
PAS. Não podes nada fazer
Na noite que quiz nascer
Christo filho de Davi.
DIA. Quem te poz no coração
Fallares cousa tão boa?
Que tu não tens descrição.
PAS. E quem te deu a ti lição
De ser tão ruim pessoa?

ANJO.

Pastor, tu queres passar?
PAS. Este he melhor artezão.
ANJ. Folgarei de te levar,
Se te ajuda o bem obrar,
Que as obras remos são.
PAS. Enha mãe m'o bradará,
Que fica no sahimento,
E o responso do mamento;
E tudo Sa Gil fara
Com bom tento.

ANJO.

Morreste tu bom christão?
PAS. Que sei eu que vós dizeis?
ANJ. Dize ora o *kirieleison*,
Kirieleison, Christeleison.
PAS. O *Pater noster* quereis?
Ja eu soube hum quinhão delle.
No *santo faceto* andei ja,
E nunca me dei por elle;
E a *Ave Maria* a par delle
Soube eu lá ja tempos ha.
E fui assi por ella andando
Nos *intes vitus* cajuso;
Alli andava eu sandejando,
E suacendo e cansando:
Então dei á treva o uso.
Assaz avonda ao pastor
Crer em Deos, e não furtar,
E fazer bem seu lavor,

E dar graças ao Senhor,
E fugir de não peccar.

E crer na Igreja assi junta
Com paredes e telhados,
Aliceres e furados ;
E não curar de pergunta,
E dar ó Demo os peccados.
Eu nunca matei, nem furtei,
Nega uvas algum'ora ;
Nem nunca mexeriquei,
Como lá se usa agora.

DIABO.

Vae, vae cantar a gamella :
Não andavas tu namorado
Perdido por Madanella ?

PAS. E pois que lhe fiz a ella,
Para dizer que he peccado ?
Hũa vez armei-lhe o pe
Na chacota em Villarinho,
E ainda pola abofé
Constança Annes, que viva he,
Me metteo naquelle alinho.

DIABO.

Não na foste tu sperar,
Pera a damnares, villão,
E começou de bradar
Que a querias forçar ?
O' fideputa cabrão !
Quizera eu e ella não,
Porque a trédora fugio :
E s'isto assi foi, ladrão,
Que peccado se seguio,
Pois não houve concrusão ?

Juro ao corpo verdadeiro
Que tu te podes gabar
Que casado nem solteiro,
Não anda tão vil barqueiro
Sôbolas aguas do mar.
Soma, Anjo, eu m'enfestei :
Abrenuncio Satanaz !

ANJ. Faze o que t'eu direi,
E depois embarcarás,
E eu mesmo te passarei.

Purga ao longo do rio
Em gran fogo, merecendo.

PAS. E quando parte o navio ?
Senhor, se eu não tenho frio,
Pera que hei d'estar ardendo ?

*Vem hũa Pastora menina, e temendo a visão do
inimigo que lhe appareceo na morte, diz :*

MOÇA.

Jesu ! Jesu ! que hé ora isto ?
Ave Maria ! Ave Maria !
Qu'he do meu cão qu'eu trazia ?
Oh ! chagas de Jesu Christo
Vão em minha companhia !
Eu sonho ! — triste de mim !
Oh coitada, como tremo !
Minha mãe, valei-me aqui,
Que quando de vós parti,
Não cuidei d'achar o Demo.

Mais angústia he o temor
Do imigo, que da morte :
Tomo a Deos por valedor,
Pois me cortas, e dás dor,
Ma mazela que te córte.

DIA. Muchacha, venhas embora.

MOÇ. Mas na negra, pois te vejo.
Oh ! desaparece-me ora,
Que falleci ind'agora
Em mui perigoso ensejo.

Porque era moça e cuidei
Que da velhice gouvira,
E com tal dor acabei,
Que de mi parte não sei,
Nem tenho ponta de sira.
Não sei quem m'ha d'ajudar,
Não sei quem m'ha de valer,
Não sei quem m'ha de passar,
Não sei se m'hão de matar
Outra vez, ou que ha de ser.

Tir'-te diante de mi,
Verei os anjos de Deos.

DIA. Entrae vós, filhinha, aqui.

MOÇ. Oh ! cal'-te : — triste de mi !

DIA. Eu vos levarei aos ceos ;
Entrae, minha Polixena ;
Não temais nada, Senhora.

MOÇ. Arre lá ! uxe, morena !

DIA. O' minha Rainha Helena,
Entrae, e vamo-nos ora.

MOÇA.

Cal'-te, cal'-te na má ora !
Cuidas que m'has d'enganar,
Porque assi me ves pastora ?

DIA. Entrae, minha matadora,
Pois que Deos vos quiz matar.

MOÇ. Não vêdes vós o quebranto,
Que se quer pôr em feição !

DIA. Olhae, flores, não m'espanto
Que me digais sete tanto :
Padeça meu coração,

O porvir e o presente.
Senhora, por concrusão,
Não quero de vós somente,
Senão dardes-me essa mão,
Se disso fordes contente :
E se m'eu gabar de vós,
Ma pezar veja eu de mi.
E iremos ambos sos
Onde estão vossos avós.
Ora entrae, ireis aqui.

MOÇA.

Jesu ! Jesu ! raiva na casta !
Commendo ó Decho a amargura !
Mãe de Deos ! como m'agasta !

Ma rabugem na tarasca,
Espezinhada, triste, escura !

ANJ. Leix'ô, pastora ; vem cá.

DIA. Como estou hoje mofino,
E sem dita ieramá !
Mas algum dia virá
Qu'eu estarei mais fino.

MOÇA.

O' anjos, minha alegria,
Vista de consolação !
Por virtude e cortezia,
Ensinae-me por que via
Passarei á salvação.

ANJ. Conhecias tu a Deos ?

MOÇ. Muito bem, era redondo.

ANJ. Esse era o mesmo dos ceos.

MOÇ. Mais alvinho qu'estes veos,
O vi eu vezes avondo.

Como o sino começava,
Logo deitava a correr.

ANJ. Que lhe dizias ?

MOÇ. Folgava,
E toda me gloriava
Em ouvir missa e o ver.

ANJ. Pastora, bom era isso.

DIA. Era a mor mexeriqueira
Golosa, que d'improviso,
Se não andavão sôbre aviso,
Lá ia a cepa e a cepeira.
E mais quereis que vos diga ?
He refalsada e mentirosa.

MOÇ. Era ainda rapariga.

DIA. Se tu foras minha amiga,
Eu me calára, tinhosa.

MOÇA.

O' anjos, levae-me já,
Tirae-me deste ladrão.

ANJ. Não podes ainda ir lá.

MOÇ. Tão moça, hei de ficar cá ?
Não parece isso rezão.

ANJ. Vae ao longo desse mar,
Que he praia purgatoria ;
E quando Deos o ordenar,
Nós te viremos passar
Da pena á eterna glória.

Vem hum Menino de tenra idade, e diz :

MENINO.

Mãe, e o coco está allí !
Quereis vós star quêdo, quelle ?

DIA. Passa, passa tu per hi.

MEN. E vós quereis dar em mi ?
O' demo que o trouxe elle !

DIA. Bé, mé. Filho da puta,
Vós estais muito garrido !
Tirar-vos-hão, Dom perdido,
Dos olhos a marmeluta.

MENINO.

Eu vos tomarei a vós
A' porta de minha tia ;
Entonces veremos nós
Os cães de vossos avós,
Qu'estavão na mancebia.

DIA. Bé.

MEN. Mãe, s'elle quer-me comer !

E meu pae não vos dara ?

DIA. Bé.

MEN. Dona, se lh'o eu disser . . .

E ella matar-vos-ha :

Então ireis a morrer.

DIABO.

Bé.

MEN. Aquelle s'eu chamar

O nosso Joanne ! . . .

DIA. Bé.

MEN. Não queres senão berrar ?

DIA. Onde has d'ir, ou pera que ?

MEN. Fica minha mãe chorando,
So porque m'eu vim de lá.

ANJ. Mas fica desvariando,
Que tu es do nosso bando,
E pera sempre sera.

Fez-te Deos secretamente

A mais profunda mercê

Em idade de innocente :

Eu não sei se sabe a gente

A causa porqu'isto he.

*Cantando, mettem os Anjos o Menino no batel, e
entra hum Taful, e diç o Diabo :*

DIABO.

O' meu sócio, ó meu amigo,

Meu bem e meu cabedal !

Vós, irmão, ireis comigo,

Que não temeste o perigo

Da viagem infernal.

TAF. Eis aqui flux d'hum metal,

DIA. Pois sabe que eu te ganhei.

TAF. Mostra se tens jôgo tal.

DIA. Tu perdes o enxoval.

TAF. Não he isto flux com rei.

DIABO.

Baralha o jôgo e partamos.

TAF. Paga, qu'eu não jôgo em vão.

DIA. Lá no frete descontâmos ;

Quer ganhemos, quer percamos,

Tudo nos fica na mão.

TAF. Muito me gasto eu aqui,

Que tu tens mui mao sembrante ;

E pareces-me emfim

Por da ré muito ruim,
E malino por d'avante.

DIABO.

Mas tornemos a jogar,
Porque tenho saudade
De te ouvir arrenegar,
E descreir e brasfemar
Do misterio da Trindade.

TAF. Aramá, como tu fallas
Tão senhor d'esta alma minha !

DIA. Não sei como agora calas,
Renegando a soltas alas
De Deos e da ladainha.

Este dia e as oitavas,
Por paços, salas e cantos,
Oh quanta glória me davas,
Quando á hostia blasfemavas,
E deshonoravas os Sanctos !

TAF. Cant'eu sempre ouvi dizer,
Quem bem renega, bem cre :
Isto vos faço eu saber ;
E quando isto não valer,
Entraremos por mercê.

(Vai-se á Barca do Paraizo, e diz :)

Havera ca piedade
D'hum homem tão carregado ?

ANJ. Mas a infinda crueldade
Com que offendeste a magestade,
Renegando seu estado ?

TAF. Vêde que estava occupado
Na gran perda que perdia.

ANJ. E Deos que culpa t'havia,
Taful mal-aventurado,
Sem valia ?

Renegar tão feramente
Da Imperatriz dos Ceos !
O' pranta de ma semente,
Arderás no fogo ardente,
Com toda a ira de Deos.

TAF. Ma nova he essa pera mi.
Se assi for como dizes,
Digo qu'eramá ca vim.
Porém esperae-me assi,
Fallarei tamalaves.

Deos não quiz hoje nascer
Por remir os peccadores ?

- ANJ. E pois que queres dizer ?
Que so c'o seu padecer
Se salvão renegadores ?
- TAF. A pernetta me forçou,
Que era senhora de mi.
- DIA. Mente, qu'elle s'incrinou :
Nunca estrella renegou,
Nem tal ha hi.
Sempre jogava o fidalgo,
Bispo, escudeiro, ou que he.
- COM. Mestiço de cão e galgo.
- ANJ. Tomae-o, dae-lhe de pé.
- DIA. Nosso he.
- TAF. Estae, imigos ! — Senhores,
Deste sancto nascimento
Não terei alguns favores ?
- ANJ. Tafues e renegadores
Não tem nenhum salvamento.

*Sahem os Diabos do batel, e, com hũa cantiga muito
desacordada, levão o Taful; e os Anjos cantando levão
o Menino, e fenece esta segunda scena.*